

VESTÍGIO

MANUAL DO PROFESSOR

OURO DENTRO DA CABEÇA

Maria Valéria Rezende

ILUSTRAÇÕES: Diogo Droschi

Introdução	2
Sobre a obra	3
Sobre a escritora	3
Sobre o ilustrador	3

Explorando a obra: A pré-leitura

Explore os paratextos	4
Explore a materialidade do objeto livro	4

Explorando a obra: Após a leitura

Explore a relação do texto verbal com as ilustrações	5
Sobre a temática, o gênero e a categoria	6
Explorando o gênero Romance	7
Explorando os temas	9
As relações intertextuais com outras obras	10

Outras propostas de atividades

Desenvolva habilidades de leitura e escrita de seus alunos	12
Orientações gerais para uma abordagem interdisciplinar	12
Sugestões de leitura	14

Elaborado por **Leila Barros**

Doutora em Literatura Comparada pela UFMG.
Pós-doutoranda em Educação pela UFMG.



Introdução

Caro(a) educador(a),

Você tem em mãos um pequeno guia para auxiliá-lo a trabalhar, em sala de aula, a obra *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende, com ilustrações de Diogo Droschi. Buscamos oferecer material de aperfeiçoamento, sugestões para você ampliar seus estudos e melhor contribuir para o avanço da aprendizagem dos estudantes, além de orientações e propostas de atividades ao preparar suas aulas.

Tenha sempre em mente que é muito importante planejar adequadamente as atividades com os livros de literatura, pois não basta deixar que os alunos leiam. É fundamental que essa leitura na escola não seja aleatória, mas que o contato com os livros promova debates, reflexões e – por que não? – a escrita sobre os mais diversos temas.

A literatura tem um importante papel no contexto escolar, um papel especial e único, de, ao suprir a necessidade humana de ficção e fantasia, colocar-nos diante dos outros e de nós mesmos, permitindo vivenciar experiências que, de outra forma, não seriam possíveis. Entendemos, como defendeu o crítico Antonio Candido,¹ que a literatura é um bem simbólico a que todos os seres humanos têm direito, porque ela nos humaniza e nos põe diante de nossos próprios conflitos e contradições.

Em primeiro lugar, no trabalho com a literatura, é fundamental proporcionar o manuseio da obra pelos estudantes, além da liberdade para que todos expressem suas opiniões a respeito do que foi lido e que os sentidos não se fechem na leitura única do professor. Isso não quer dizer que não se possa trabalhar com determinados objetivos, com foco no desenvolvimento de certas habilidades, ampliando ao máximo o poder do texto literário.

Ao trabalhar a literatura na escola, no entanto, é preciso ter cuidado para que ela não seja inadequadamente escolarizada, conforme nos ensina a professora e pesquisadora Magda Soares,² ou seja, é preciso cuidar para que ela não esteja a serviço exclusivo do pedagógico, de ensino de conteúdos ou com objetivos claramente moralistas. A leitura literária demanda sensibilidade e um olhar aberto a várias leituras possíveis.

Vamos conversar sobre a obra?

¹ CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193.

² A esse respeito, veja o artigo: SOARES, Magda. A escolarização da leitura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy A. M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Zélia V. (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 17-48.

MATERIAL DE APOIO

Sobre a obra



Ouro dentro da cabeça é uma narrativa simples e sensível, estruturada como um relato oral, sobre os dramas vividos por um andarilho sem nome, que sai de sua terra natal, um quilombo escondido numa serra também sem nome, em busca da realização do seu maior sonho: aprender a ler. Esse é o tesouro que ele passará “uma vida inteira” para descobrir, num lugar insuspeito, “onde o olho desprevenido só vê miséria e tristeza”, justamente com uma velha mendiga que dorme numa calçada. Marílio da Conceição, como ele mesmo passa a se autodenominar, circula por várias partes do Brasil em busca de alguém que o alfabetize, passando por situações de perigo, humilhação, dor e tristeza, e expondo a realidade cruel vivida por muitas pessoas, como aquelas com trabalhos escravizantes ou as que vivem nas ruas,

sem o mínimo de proteção e vida digna. A obra conquistou o 3º lugar do Prêmio Jabuti 2013, na categoria Juvenil.

Sobre a escritora

Maria Valéria Rezende nasceu em Santos – SP, em 1942, e mora atualmente em João Pessoa – PB. Graduada em Língua e Literatura Francesa, pela Universidade Nancy – França, e em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Há muitos anos, é freira missionária, trabalhando com educação popular, não só no Brasil, mas também no exterior. É autora de vários livros de literatura e já ganhou prêmios literários importantes. Valéria é sobrinha-neta do poeta parnasiano Vicente de Carvalho, e viveu rodeada de livros e encontros de escritores na casa da avó, em Santos, criando desde cedo uma afinidade muito grande com a leitura. Criou, junto com outras escritoras, um grupo do Facebook chamado Mulherio das Letras, a fim de dar maior visibilidade a autoras mulheres. Já lutou em prol dos direitos de pequenos agricultores, e, em função disso, foi desafeto de latifundiários, sendo esse um dos temas pelos quais a obra *Ouro dentro da cabeça* passeia.

Sobre o ilustrador

Diogo Droschi é mineiro de Belo Horizonte, onde vive. É um talentoso ilustrador, formado em Design Gráfico pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Artes Gráficas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pela Autêntica Editora, ilustrou os livros *Histórias daqui e d’acolá* (também de Maria Valéria Rezende), *Vagalovnis*, *Desenrolando a língua*, *Micrômegas: uma história filosófica*, *Fidenco*, *Zito que virou João & outros poemas*.

EXPLORANDO A OBRA

A PRÉ-LEITURA

Antes da leitura da obra, é interessante explorar os **elementos** presentes no livro que não fazem parte do texto propriamente dito, mas o complementam: os paratextos.

Você sabia que todas as mensagens e comentários acessórios que cercam o texto são chamados de **paratextos**? São exemplos de paratextos: prefácios, dedicatórias, apresentações dos autores, orelhas, dentre outros.

Os paratextos são recursos importantes para que o leitor compreenda melhor a obra ou mesmo decida se vai lê-la ou não. Ou seja, os paratextos podem ser fundamentais para motivar os estudantes para a leitura.

Explore os paratextos

- Comece pelo **título**. Estimule o debate para que seus alunos façam **inferências**: que ouro seria esse do título? E por que “dentro da cabeça”? É provável que pelo menos parte dos estudantes associe esse local (dentro da cabeça) a um tesouro de conotação metafórica e não financeira.
- A ilustração da **capa** é bastante instigante e fornece pistas do significado do título e do teor do livro: são várias chaves, em diferentes formatos e com uma letra em cada uma delas. Essa ilustração, metaforicamente, é uma “chave de leitura” para a obra.
- Comente também o **texto da contracapa**: geralmente, esse paratexto tem o objetivo de atrair o possível leitor para a obra. Observe que esse texto é também instigante e mantém certo mistério sobre qual seria o “ouro”, o “tesouro nem de prata nem de ouro” do qual o personagem vai atrás.
- A obra dispõe, ao final, de **apresentações** que inserem autora e ilustrador no universo literário e nos contam um pouco de sua formação profissional. Se você pesquisar sobre Maria Valéria Rezende, perceberá o quanto a história de *Ouro dentro da cabeça* tem relação com suas próprias vivências e as causas pelas quais ela luta, “contra as desigualdades e injustiças deste mundo”, como a autora afirma na **introdução** intitulada “**Como nasceu este livro**”. Na apresentação de Diogo Droschi, há menção a outras obras que ele ilustrou; assim, você poderá conhecer mais do traço e da técnica desse talentoso artista.

Explore a materialidade do objeto livro

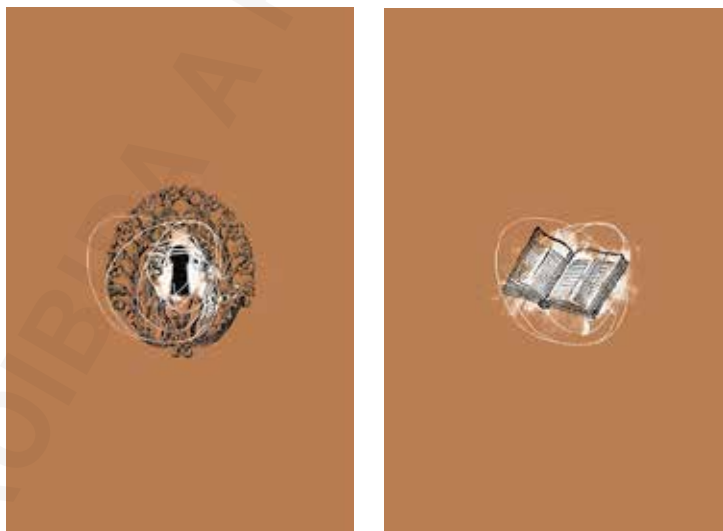
- Aprecie o livro como um **objeto estético**. Manuseie-o e estimule seus alunos a fazer o mesmo. Nessa leitura e exploração individual, muitas outras descobertas podem ser feitas.

- Ajude seu aluno a **identificar as informações** constantes num livro: ficha catalográfica, dados gerais sobre a obra; explique o que é *copyright* e a importância dos direitos autorais. Às vezes, nesses espaços em que prevalecem textos informativos, há surpresas, como uma ilustração que começa a narrar a história.

■ EXPLORANDO A OBRA APÓS A LEITURA

Explore a relação do texto verbal com as ilustrações

- Aprecie as ilustrações, buscando perceber suas relações com o texto verbal. Explore, com os alunos (e deixe que eles verbalizem, oralmente ou por escrito), os sentidos presentes nas imagens.
- As ilustrações são muito interessantes, pela técnica utilizada – colagens digitais – e por seu simbolismo. As chaves em diferentes formatos e com letras, ao longo de toda a obra (nas folhas de guarda, no início de cada capítulo, logo antes do índice, na capa) dão pistas de que esse ouro do título é, na verdade, o conhecimento produzido pela leitura.
- Observe que, antes do primeiro capítulo (p. 8) há a imagem de uma fechadura; já a imagem da p. 99 (antes da apresentação de autor e ilustrador) é de um livro (metaforicamente, a chave que faltava na fechadura para as portas se abrirem).



Reprodução das
p. 8 e 99.

- A imagem que abre o último capítulo – também intitulado “Ouro dentro da cabeça” – “desvenda” o mistério, ao apresentar uma pessoa com chaves na mão e apontando para um livro com uma fechadura. Várias letras também possuem a imagem da fechadura no seu formato.



Reprodução da
p. 86.

- É importante observar as cores escolhidas para as ilustrações. O dourado (remetendo ao ouro do título) predomina. Além dele, apenas o branco e o preto são utilizados, dando um ar ao mesmo tempo sóbrio e marcante.

Sobre a temática, o gênero e a categoria

A obra *Ouro dentro da cabeça* é destinada a estudantes de 1º a 3º anos do ensino médio. Trata-se de um romance dividido em dez capítulos breves. A temática principal é a busca do personagem pela realização do sonho de aprender a ler e escrever, tendo como foco a vulnerabilidade não só do protagonista jovem, mas de grande parte da população brasileira que convive com a precariedade econômica, o trabalho escravo e outros tipos de violência, como o preconceito. A obra problematiza essas questões sem pieguice, mas de maneira sensível e pungente, chamando a atenção para os problemas apresentados. A temática abordada é adequada para esse público-alvo, por seu potencial de despertar o gosto pela leitura literária e ampliar a sua bagagem ética, estética e cultural. O maior ou menor aprofundamento, em um ou mais assuntos abordados, vai depender não somente do interesse e da maturidade de cada turma, como também da avaliação e da necessidade do professor.

Vamos explorar mais a estrutura da obra?

Explorando o gênero Romance

✓ É importante pensar que os gêneros vão se mesclando uns aos outros; vão surgindo novas classificações, a partir das tradicionais; e que circula uma grande quantidade de textos que nem sempre aceitam classificações tão rígidas. Nesse caso, é tênue o limite entre a **novela** e o **romance**, havendo atualmente certa tendência à diluição do primeiro termo, em prol do segundo. Pensando assim, consideramos *Ouro dentro da cabeça* como um **romance**, por ser uma narrativa de extensão relativamente longa, estruturada com os seguintes elementos: enredo, tempo, espaço, personagens, clímax, desfecho.

No caso do livro *Ouro dentro da cabeça*, a história é contada em **primeira pessoa**, pelo protagonista sem nome. Converse com seus alunos sobre a importância do **ponto de vista** em uma narrativa, mostrando como isso influencia **o que** é narrado e **como** é narrado. Nesse caso, a estratégia utilizada é dar voz a um contador de histórias que, numa praça, diante de uma audiência, narra feitos que lhe foram contados, fatos que ele viveu e histórias inventadas. Mostre como a linguagem é leve e fluida, e se aproxima do **relato oral** por meio de vários elementos, dos quais destacamos os seguintes:

- O título do primeiro capítulo, uma expressão típica do discurso oral: “Venho aqui me apresentar” (p. 9).
- As expressões, como “Vim contar a minha vida [...]” (p. 11), “É difícil explicar como foi que começou esta vida, que é a minha, e que aqui quero contar” (p. 11), “Pra explicar quem eu sou, tem de fazer um arroteio.” (p. 11).
- O suspense para prender a atenção da plateia: “Ah, esse é o grande segredo que só no fim contarei.” (p. 9).

Diferentemente do conto, que possui uma narrativa mais breve (e, portanto, apenas um clímax), no romance existem vários momentos de **clímax** e consequente resolução de cada um dos conflitos. Um exemplo é na passagem em que Marílio foge do acampamento de extração de madeira: “Embrenhei-me pela mata no rumo daquelas vozes, sabendo que, se era um bando de gente viva como eu, por certo eu ia indo pra onde havia mais gente. Seria um povo bom? Seria gente cristã?” (p. 67). Vários outros momentos de tensão serão relatados pelo narrador: peça a seus alunos para identificar mais alguns.

O **espaço** central da narrativa é a praça onde o contador narra sua história – cheia de aventuras, medos, tristezas, perdas e desafios. Espaço que é revelado apenas ao final da narrativa:

Todo aquele pessoal, fosse da rua ou da obra, começou a insistir que era pra eu criar coragem e **ir na praça** contar. Acabei me convencendo e por isso aqui estou:

– Vim contar a minha vida, pra quem quiser conhecer a história de um lutador que correu sérios perigos, andou o Brasil inteiro, tentando achar um tesouro nem de prata nem de ouro: de coisa mais preciosa [...] (p. 97-98)

Note que o final da obra é idêntico ao seu início: essa **circularidade** mostra que a história será repetida várias e várias vezes pelo contador de histórias. Os demais espaços aparecerão no relato do contador, como a serra onde nasceu e os diversos lugares por onde passou até chegar à cidade grande, onde se encontra.

O **tempo** da narrativa é circular e indeterminado, mas há referência à idade do protagonista, na passagem: “Eu nem tinha vinte anos, mas já me sentia velho, nem parecia mais eu, aquele molambo triste [...]” (p. 74).

Os **personagens** são vários, mas todos têm passagem rápida pela narrativa. Há aqueles que fazem parte de sua vida atual: os trabalhadores da obra, os moradores de rua, a velha Naná, que o ensinou a ler; e aqueles que permeiam suas histórias: a avó Donana, Pajé, a professora Marília, o padre que o batizou e tirou seus documentos, Maria Flora, entre tantos outros.

Professor, incentive os alunos a explorar a obra, percebendo os elementos próprios do gênero literário. Algumas perguntas, entre várias, que podem ser feitas:

- Quais personagens da narrativa são mais marcantes? Qual a importância deles na história?
- É possível identificar o tempo da história narrada?
- Onde se passa a história narrada? Você identifica, pela descrição dos locais e personagens, alguma semelhança com situações do Brasil contemporâneo?
- Quais seriam alguns dos momentos de clímax da história, ou seja, os momentos de maior tensão? Peça aos estudantes para escolher um desses momentos e relatar como o personagem resolve a situação de conflito. Ao final, eles perceberão que há vários momentos de tensão e resolução da tensão, sucessivamente.
- Explore a linguagem usada na obra e sua possível distância com o universo dos jovens das cidades. O vocabulário pode trazer alguma dificuldade de entendimento, mas será uma ótima oportunidade de enriquecer o vocabulário e descobrir expressões típicas de algumas regiões. Veja, a título de exemplo, algumas palavras que merecem uma consulta ao dicionário:

Penhas, Arrodeio, Vertente, Furna, Lajedo, Calundu, Quebranto, Bruguelo, Cabriolar, Por mor de aprender, Arengar, Capenga.

- Um interessante trabalho seria buscar a origem de algumas das palavras acima. A palavra *calundu*, por exemplo, é um regionalismo de Angola e do Brasil. Assim, seus alunos descobrirão que há outras palavras de origem africana, até pela origem do personagem, um menino nascido num quilombo de negros fugidos, no interior do Brasil.

Explorando os temas

A partir da luta do personagem pela realização do sonho de aprender a ler e escrever, a obra expõe problemas de grande parcela da população brasileira, focando na condição de quem é analfabeto. O livro apresenta, também – paralelamente a esse problema tão arraigado em nossa sociedade –, a precariedade econômica, o trabalho escravo, a vida nas ruas, o preconceito contra a população marginalizada e excluída pela sociedade. E uma das formas de exclusão é justamente o analfabetismo.

Marílio se sente como um cego, por não saber ler. Um episódio marcante é quando ele “assina” (com a impressão digital) um suposto contrato de trabalho, mas só depois descobre tratar-se de trabalho escravo, sem direito a salário ou condições básicas de higiene e saúde. O mesmo ocorre na passagem em que ele se encontra na grande cidade e vê letras por todos os lados, mas não consegue decifrá-las, e então sente-se impotente e ridicularizado pelo escrito:

Por todo lado via letras, mas pra mim estavam mudas e me deixavam mais tonto, parecia que me espiavam e çoçavam do homem sem leitura que eu era. (p. 88)

Essas passagens permitem um debate sobre o que significa ser analfabeto numa sociedade letrada e grafocêntrica como a nossa. Também podemos refletir sobre a questão: cada um de nós é analfabeto em alguma coisa, ninguém sabe tudo. Em que sou analfabeto?

A narrativa permite que o leitor vá além de sua realidade imediata, desenvolva a imaginação e o senso crítico, por meio da leitura. Ao se envolver com a história narrada, é bem provável que ele se interesse pelos problemas apresentados. Portanto, a obra permite a ampliação de conhecimentos, por meio de pesquisas, em vários suportes. É possível, além de pedir que os próprios estudantes pesquisem sobre os temas abordados, propor atividades como:

- Debates sobre os problemas apresentados. Cada grupo pode ficar com um tema.
- Entrevistas com pessoas da família ou do bairro onde vivem, sobre a experiência de ser analfabeto. Após as entrevistas e sua organização, proponha a apresentação dos dados e sua discussão.
- Produção de relatos de vida, pelos alunos (deles ou de outras pessoas, conhecidas ou inventadas). Primeiro, os relatos podem ser escritos, explorando os elementos desse gênero textual; depois, os alunos podem apresentar seus relatos, em sessões de contação de histórias de vida.
- Promoção da visita de um contador de histórias, para um bate-papo com a turma (ou turmas).

A obra é tão rica e dá margem a tantos debates e reflexões, que outros temas podem ainda ser trabalhados, a partir de sua leitura, como o papel da **memória** no relato de Marílio: são suas memórias que o constituem como sujeito. Outra questão é igualmente fundamental: na medida em que ele vai ganhando nomes, sua **identidade** também vai se formando. É importante explorar, na beleza do texto literário, como essas questões vão se revelando, por exemplo, nesta passagem em que Maria Flora fala dos rostos cobertos de barro dos garimpeiros: “A coisa mais

preciosa que um homem pode perder é a sua própria cara, o jeito de sua pessoa, não conhecer mais de si.” (p. 75).

Ao trabalhar a produção textual com os estudantes, mostre como a memória e a identidade poderão estar presentes nos textos que produzirão.

No caso de *Ouro dentro da cabeça*, primeiramente o personagem-narrador era chamado de Miúdo; depois passou a ser o “Coisa-Nenhuma”. Piá, seu terceiro nome, foi dado por Pajé, um homem ferido de quem ele cuidou e de quem herdou uma mala cheia de livros. Em homenagem à professora que teve uma rápida passagem por sua terra natal, ele inventa um nome para si: Marílio da Conceição. E assim é batizado por um padre, que também o registra num cartório e tira sua carteira de trabalho. Aos livros herdados de Pajé, somam-se os documentos que agora o identificam, além de um Evangelho, presente do padre, para quando ele aprendesse a ler. Também ganhou o apelido de Carço, no período de trabalho escravo, cortando árvores. Como sofria fazendo esse trabalho, que considerava assassino, passou a colher sementes das árvores que cortava e a plantar em vários lugares, na esperança de que germinassem; daí o apelido. Outro apelido que ganhou, “Doutor”, foi de deboche, exatamente por aquilo que lhe faltava: as letras. E porque elas não o levariam ao tão sonhado ouro, o ouro dos garimpeiros.

Explorando o tema, é possível ainda trazer outros textos que dialoguem com a obra. Sugerimos, entre inúmeras possibilidades, as seguintes:

Confira o curta-metragem em:
goo.gl/ajj6hd

- O **curta-metragem** de animação *Vida Maria*, de Márcio Ramos. O curta mostra como o analfabetismo se perpetua, por falta de oportunidades para as personagens “Marias” da história. O livro de Maria Valéria Rezende mostra essas oportunidades escapando das mãos do personagem, até que, por fim, ele consegue realizar o sonho. Diferente do curta-metragem, no qual o analfabetismo vai sendo “herdado” por várias gerações.
- A obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, é um diário de uma mulher negra, pobre, favelada, que catava jornal e livros no lixo, aprendeu a ler sozinha e escreveu um livro relatando sua história de sofrimentos e privações.
- A literatura periférica produzida por poetas anônimos. Nas grandes cidades, os saraus têm se tornado uma opção que demonstra o protagonismo juvenil e dá “voz” a outros artistas que não estão longe do mercado.

As relações intertextuais com outras obras

Intertextualidade é a relação que um texto estabelece com um ou mais textos.

É bastante comum uma obra fazer referência, mais ou menos evidente, com outras obras, com outros autores, com outras artes. As **relações intertextuais** são recursos expressivos importantes, que proporcionam uma rica experiência de leitura, pois contribuem para o enriquecimento da bagagem cultural e estética do leitor. Quanto mais lê, mais o leitor percebe essas relações

entre os textos, e mais os textos se enchem de variados e múltiplos sentidos.

No caso de *Ouro dentro da cabeça*, algumas relações intertextuais podem ser estabelecidas, umas mais fortes e explícitas e outras mais fracas. Uma das referências que ajudam a estruturar a narrativa está na p. 27, na citação à obra *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, que é um dos livros presentes na maleta de Pajé, herdada por Marílio. Pajé explica para Marílio por que gostava tanto dessa história: era uma história igual à dele, de um cavaleiro que saía pelo mundo para combater injustiças. É a história de um andarilho, tal qual Marílio, que tem suas próprias lutas.

Há ainda referências a personagens de nosso folclore, como Mapinguari e Caipora (p. 66) e o conto de João e Maria, todos de origem na tradição oral, já que a oralidade é tão valorizada na obra. Do conto de fadas, ouvido de Pajé, Marílio adota a estratégia para não se perder na “selva” da cidade grande:

[...] resolvi sair pra rua a procurar algum vivente, mas deu medo de me perder e não saber voltar pra obra. Então enchi meus bolsos com uns punhados de brita, saí pelas ruas de novo, deixando um rastro de pedras, para marcar o caminho de volta, como eu lembrava que faziam numa história que o Pajé tinha contado. (p. 90)

A religiosidade é um aspecto muito importante e até estruturador da obra, por isso, também são muito frequentes as referências religiosas: à Bíblia, às ladainhas, ao personagem João Santeiro (que produzia santos em madeira), às procissões, ao Evangelho que ganhou do padre, e às comparações com mitos bíblicos:

Fora, um puxado de palha, ao lado da construção, com um braseiro no meio, arremedo de fogão, cercado de muitos troncos onde eu avistei, sentados, duas dúzias de fantasmas, todinhos da mesma cor, como bonecos de barro antes que Deus assoprasse. (p. 62)

É muito significativo que Marílio tenha herdado de Pajé exatamente uma caixa de livros, porque é das histórias e das infinitas relações possíveis entre elas que o personagem se nutre. Além de nutrir-se da oralidade, na transmissão das histórias por meio dos relatos orais, que espanta seu desassossego:

Primeiro eu fiquei triste, quando vi que aquela caixa não tinha nenhum tesouro, nenhuma pedra de nada, o peso era só dos livros. Mas depois fiquei achando que ouro não era melhor que as histórias que eu ouvia, sem cansar, o Pajé lendo pra mim, enquanto eu olhava as folhas que ele devagar virava, doidinho pra descobrir o segredo das palavras e das linhas bordadas e desenhadas no papel de cada livro. (p. 26)

Porém, a parte mais rica do que o Pajé me deixou era coisa diferente, riqueza que só se guarda quando ela é repartida. História se esquece logo se não contar a ninguém. Só quando eu contava histórias, em cada boca de noite, é que minha alma aquietava; senão, o desassossego tomava conta de mim. (p. 27)

OUTRAS PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Desenvolva habilidades de leitura e escrita de seus alunos

- Trabalhe a **inferência**: apresente apenas o título da obra, sem mostrar a capa; é possível que os estudantes consigam fazer hipóteses sobre o significado do título e do subtítulo. A seguir, mostre a ilustração da capa, para incentivá-los a tecer mais hipóteses sobre a história.
- Trabalhe a **expressão de opiniões**: converse sobre os assuntos presentes na obra. O que eles sabem a respeito? Convide-os a pesquisar e debater.
- Amplie os **temas** presentes no livro. Você pode pesquisar livros, filmes, pinturas, outras obras literárias que apresentem os mesmos temas. É uma forma prazerosa de saber mais a respeito. Se a escola onde você trabalha contar com o espaço da biblioteca, essa pesquisa poderá ser feita lá, com a ajuda da bibliotecária.
- Procure conhecer outras obras de Maria Valéria Rezende e outros livros ilustrados por Diogo Droschi.
- Trabalhe com a **oralidade**, um eixo importante do ensino de Língua Portuguesa, e que estrutura a narrativa de *Ouro dentro da cabeça*. Proponha a seus alunos que eles também produzam relatos, **memórias** verdadeiras ou inventadas, que sejam compartilhados com os colegas por meio da contação.
- Esses relatos podem virar **livros**. Incentive a escrita de memórias.
- Os relatos podem ser produzidos a partir de **entrevistas** com familiares ou pessoas do bairro.

Orientações gerais para uma abordagem interdisciplinar

Sem colocar em segundo plano o caráter estético e artístico da obra literária, é possível trabalhar *Ouro dentro da cabeça* numa abordagem interdisciplinar com outras áreas. Para o ensino médio, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dispõe as competências específicas de **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, das quais destacamos o quinto e o sexto itens:

5. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
6. Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e **responsabilidade**.

Disponível em:
goo.gl/htucbA

Essas competências podem ser trabalhadas por meio da exploração das temáticas presentes na obra (a desigualdade social e econômica e o desrespeito aos direitos mais básicos dos seres humanos, que geram o analfabetismo e outros tipos de violência). Por meio de debates qualificados e do incentivo à expressão – oral e escrita – dos estudantes, promova, entre eles, o exercício responsável da liberdade, da autonomia e da consciência crítica. Problemas filosóficos, históricos, sociológicos e antropológicos apresentados na obra servirão de mote para a discussão e a pesquisa embasada.

Também pode ser trabalhado o protagonismo juvenil, por meio da atuação do jovem em diferentes campos de convívio social (família, escola, grupos de amigos, redes sociais, trabalho) e o exercício da cidadania e do direito à voz, seja pela manifestação política, social, cultural, literária. Esse tema pode ser articulado ao trabalho pela coletividade e às possíveis transformações sociais que práticas cidadãs podem gerar no cotidiano não apenas dos jovens, mas de toda população brasileira.

A BNCC ainda orienta a uma elaboração de currículos e propostas pedagógicas de acordo com a necessidade de cada sistema de ensino ou escola, “considerando as características de sua região, as culturas locais, as necessidades de formação e as demandas e aspirações dos estudantes”. Assim, são propostos os **“itinerários formativos”** como estratégias para a flexibilização da organização curricular, em que são criadas situações de trabalho mais colaborativas, “que se organizem com base nos interesses dos estudantes e favoreçam seu protagonismo”. Além da abordagem crítica, a produção artística de relatos escritos e falados poderá ainda ser objeto de uma abordagem transdisciplinar, considerando alguns dos “itinerários formativos” propostos na BNCC:

- **Oficinas** de escrita criativa, de performances, de produção de livros ou **Núcleos de criação artística**:

Oficinas: espaços de construção coletiva de conhecimentos, técnicas e tecnologias, que possibilitam articulação entre teorias e práticas (produção de objetos/equipamentos, simulações de “tribunais”, quadrinhos, audiovisual, legendagem, fanzine, escrita criativa, performance, produção e tratamento estatístico etc.). (BNCC)

Núcleos de criação artística: desenvolvem processos criativos e colaborativos, com base nos interesses de pesquisa dos jovens e na investigação das corporalidades, espacialidades, musicalidades, textualidades literárias e teatralidades presentes em suas vidas e nas manifestações culturais das suas comunidades, articulando a prática da criação artística com a apreciação, análise e reflexão sobre referências históricas, estéticas, sociais e culturais (artes integradas, videoarte, performance, intervenções urbanas, cinema, fotografia, *slam*, hip hop etc.). (BNCC)

- De **clubes de leitura**, para discussão deste e de outros livros literários:

Clubes: agrupamentos de estudantes livremente associados que partilham de gostos e opiniões comuns (leitura, conservação ambiental, desportivo, cineclube, fã-clube, *fandom* etc.). (BNCC)

Sugestões de leitura

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193.

SOARES, Magda. A escolarização da leitura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy A. M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Zélia V. (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 17-48.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO